

FMI reluta em reduzir as taxas

Washington — A luta dos Estados Unidos para fazer baixar os juros mundiais a fim de incentivar o crescimento econômico global não deverá contar com o apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI), que pretende se aliar à Alemanha contra Washington.

Segundo um dirigente do FMI, ainda há perigo em forçar a queda dos juros, pois a guerra contra a inflação está longe de terminar. “Precisamos evitar qualquer tipo de complacência com a inflação”, afirmou a fonte, que preferiu não ser identificada.

Mas os Estados Unidos deverão prosseguir sua campanha pela redução das taxas de juros na Assembleia Conjunta semi-anual do FMI e do Banco Mundial (Bird), que começa nesta semana, em Washington. Os EUA querem que as autoridades econômicas passem a privilegiar o crescimento econômico, ao invés de combater a inflação, argumentando que acelerar a expansão econômica é necessário para evitar que crescentes necessidades de capital do Leste Europeu, Oriente Médio e América Latina desencadeiem uma escassez mundial de crédito.

Unificação

A Alemanha, no entanto, preocupada com as pressões inflacionárias derivadas dos custos da unificação de demandas salariais excessivas, até agora deu poucos sinais

de ceder às exigências norte-americanas.

O dirigente do FMI afirma que a inflação continua em níveis preocupantes nos Estados Unidos e que o melhor meio de os governos fazerem as taxas de juros cair é seguirem políticas fiscais sadias.

Ele também, porém, disse, que o Fundo pretende sondar seus governos-membros sobre a possibilidade de uma distribuição de Direitos Especiais de Saque (DES), a moeda artificial do FMI, uma distribuição de DES do Fundo ampliaria as reservas em moeda dos países-membros, dando-lhes maior poder de compra e crédito, numa conjuntura de carência de capital. Pelos seus estatutos, o FMI deve realizar consultas periódicas entre seus membros sobre distribuições de DES. Mas a preocupação com a ameaça de um arrocho mundial no crédito pode significar que a idéia atrairá mais simpatias agora do que no passado.

O Japão, que antes se opôs a qualquer medida inflacionária, agora está avaliando diversos meios de incrementar a liquidez mundial, inclusive com uma distribuição de DES, disseram funcionários japoneses. O interesse de Tóquio nesse expediente surgiu do receio de que é só uma questão de tempo para que os Estados Unidos se voltem para o Japão, pretendendo que ele estimule o crescimento global e contribua para aumentar

a liquidez mundial, baixando suas taxas de juros.

Distribuição

O dirigente do fundo acredita que não haverá maiores problemas em se decidir de quanto será a distribuição de direitos especiais, de forma a evitar pressões inflacionárias. Mas admitiu que a questão de como o dinheiro seria distribuído e quem receberia seria mais difícil de resolver.

Alguns países defendem que, em vez de uma distribuição indiscriminada entre todos os mais de 150 sócios do fundo, seria melhor partilhar os recursos entre os mais necessitados. Contudo, para evitar que os países em desenvolvimento esbanjem os fundos, o FMI deve condicionar sua distribuição aos que estiverem implementando duras reformas econômicas.

A ameaça de um arrocho global de crédito e a escolha da melhor forma de amenizá-lo deverá ser um dos principais tópicos das conversações entre autoridades econômicas do poderoso Grupo dos Sete — a associação dos sete maiores países industrializados, Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão.

Para o dirigente do FMI as divergências entre eles são inevitáveis, dada sua crescente interdependência econômica. “Quanto mais íntimas as relações, mais atritos se tem”, salientou.